

Considerações sobre a participação da América Latina nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX¹

Alda Heizer²

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a participação diferenciada de países da América Latina nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX. Procura, ainda, ressaltar a importância dos estudos de temas articuláveis, como a História das Exposições e a História das Ciências na América Latina.

Palavras-chave: exposição, catálogos, relatórios.

Abstract: This article presents elements that lead to a reflexion about the diverse participation of Latin American countries on the Great Exhibitions of the second half of the XIX century. It intends, also, to highlight the importance of articulate studies, like the History of the Exhibitions and Science History in Latin America.

Keywords: Exhibitions, Catalogues, Reports.

Introdução

Não é exagero afirmar que a presença da América Latina nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX é assunto constante em diferentes publicações³ da época. Nas revistas e periódicos europeus, especialmente franceses, nota-se a presença de uma espécie de “acolhimento” de outros países, ressaltando-se que “a pacificação, a

¹ O presente artigo é uma versão modificada de um dos capítulos de sua tese de doutorado “Observar o Céu e medir a Terra. Instrumentos científicos e a Exposição de Paris de 1889”, defendida no Instituto de Geociência/Unicamp, no ano de 2005.

² Alda Heizer é historiadora do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. E-mail: aldaheizer@jbrj.gov.br

³ Em um dos capítulos da tese, foram identificados revistas e jornais com diferentes perfis, tanto no Brasil quanto na França, que registraram em suas edições a presença da América Latina nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX. Uma das revistas analisadas foi a *Revue Scientifique* (revue rose), 1888, 1889 e 1890, a qual se encontra na seção Obras Raras do Observatório Nacional-RJ.

reconciliação dos antagonismos sociais é um tema recorrente do imaginário das Exposições” (RASSE, 1999, p.86) e que, além disso, elas constituem “um espaço de lazer [...], mas de um lazer eminentemente didático” (NEVES, 2001, p.4). É preciso, portanto, não perder de vista seu potencial pedagógico.

Portadores de uma visão positiva do progresso, os organizadores das Exposições não deixavam de sublinhar as diferenças entre os países que se apresentavam nesses eventos. As Exposições organizadas no continente sul-americano não ficaram fora desse quadro, porém, a escassa produção historiográfica a respeito reforça a urgência de compreendermos o significado dessas participações com base em análises que contemplem perguntas como: o que pretendia o Império do Brasil ao se preparar para as Exposições? O que, para o Império, era relevante e representativo representa? É o que se pretende discutir neste artigo.

As Exposições entre projetos e vitrines

Ao contrário do que afirmam alguns pesquisadores (SCHWARCZ, 1998, p.397), a América Latina esteve presente nas Grandes Premiações das Exposições da segunda metade do século XIX. Prova disso são os quadros de premiações desses eventos. A Venezuela, por exemplo, que se apresentou em Viena (1873) – e o Chile (1875), em Filadélfia (1876), Paris (1889) e Chicago (1893), só para citar algumas Exposições –, empenhou-se em mais de uma ocasião em mostrar aos países europeus que estava pronta para receber investimentos estrangeiros, visto que passava por um período de modernização. Para os organizadores, era necessário exibir uma Venezuela civilizada. Era preciso, no entanto, definir também como se apresentar nesses grandes eventos: para uns, deveriam ser expostos exemplares da flora e da fauna tropical; para outros, era imperativo que os produtos apresentassem, por exemplo, uma Venezuela pronta para a industrialização (FREITES, 1996, p.111).

Ao analisar os quadros de premiações dos países latino-americanos nesses grandes eventos, é possível perceber o grau de envolvimento das comissões locais e da importância

dessa participação para determinados grupos dessas nações. Para se ter uma ideia, o Brasil, na Exposição de Paris de 1889, classificou-se em terceiro lugar na tabela de premiações, antecedido pela Argentina e pelo México.

López-Ocón Cabrera (1998), em seu texto sobre a América Latina nas Grandes Exposições, apresenta os quadros de premiação e a ocupação geográfica dos países latino-americanos em duas exposições francesas na segunda metade do século XIX, afastando qualquer dúvida sobre a participação desses países em eventos de tal porte (LÓPEZ-OCÓN CABRERA, 1998, p.67-89). Nota-se, entretanto, uma ausência de pesquisas⁴ sobre essa presença nas Grandes Exposições do período, o que reforça a afirmação de Weinberg (1979) a respeito da escassez de trabalhos considerando essa temática e do significado da participação desses países nos referidos eventos.

Segundo esse autor, embora nas últimas décadas tenha havido um crescente interesse pela função da ciência e da técnica nas transformações da sociedade – especialmente na América Latina –, há uma ausência de estudos sobre congressos e reuniões científicas em que conste a presença de países latino-americanos nas Exposições Internacionais (WEINBERG, 1979, p.25). O que se nota é que uma consagrada historiografia sobre a América Latina refere-se a essa região, na maioria das vezes, como um bloco único – concepção herdada de uma escrita da História que reforça a presença de um passado colonial estático, em que os acontecimentos se deram com “majestosa lentidão” (CHAUNU, 1979, p.11). Como consequência, os trabalhos em História das Ciências que têm por base esse referencial teórico tendem a conceber esse momento histórico como um período em que as práticas científicas não aconteceram. Essa concepção é muito semelhante a certa produção teórica no Brasil, a qual afirmava a inexistência de práticas científicas no período anterior à criação das primeiras universidades brasileiras, nos anos 1930:

Permanecia difundida, entre os historiadores, a convicção de que, antes da criação das primeiras universidades brasileiras, nos anos 1930, os institutos de ciências biomédicas haviam sido os únicos centros de pesquisa realmente relevantes para a História das ciências no Brasil (DANTES, 2001, p.17).

⁴ Trabalhos como o de Freitas Filho (1986) são pioneiros, porém não foram publicados.

Nessa mesma direção, em entrevista publicada no Brasil em 2009⁵, Mauricio Tenorio Trillo afirmou que:

Somos nós, os historiadores, que temos vivido dessa coisa etérea chamada América Latina, cheia de caminhos raciais e culturais, sem conhecer nada do Brasil, sem conhecer os EUA. Somos culpados disso, por vivermos histórias nacionalistas, de um lado, e histórias cheias de estereótipos “orientalistas”, de outro. Não há razão para colocarmos uma barreira de proteção à ideia de América Latina... se ela morrer, que morra (TENORIO TRILLO, 2009, p.553).

Expressões como “elite latino-americana” são recorrentes e – desnecessário afirmar – carentes de precisão. As especificidades dos países latino-americanos, suas histórias locais, seus diferentes projetos de nação, entre outras questões, são deixadas de lado por um número considerável de pesquisadores na área da História das Ciências. Há, no entanto, trabalhos relevantes que recuperam a especificidade da participação de alguns desses países nas Grandes Exposições:

[...] as preocupações externas do Império brasileiro faziam sentido não só pelo desejo de afirmação na Europa, mas também por injunções políticas localizadas nas vizinhanças. O Brasil pretendia situar-se como a nação mais civilizada desta parte dos trópicos... Nesse sentido, o discurso oficial demarcava frequentemente os espaços e as diferenças do Império Brasileiro com relação a outros países sul-americanos, principalmente depois da Guerra do Paraguai. Quando não havia indiferença ou franca hostilidade, havia, em geral, disputa que, no recinto das Exposições Universais, traduzia-se, simbolicamente, pela constante preocupação em garantir um espaço maior para os expositores brasileiros e sempre diferenciado do espaço dos demais países sul-americanos, com os quais “o império não se misturava” (TURAZZI, 1995, p.134).

Segundo Bravo (2000), é fundamental estudar os pavilhões latino-americanos nas Exposições como uma expressão das ficções de Estado e como representações de cultura material (BRAVO, 2000, p.171-185). Esse autor questiona o lugar ocupado nos pavilhões das Exposições pelos países latino-americanos. Para ele, a América Latina sempre ocupou um lugar confuso: seus países não eram vistos exatamente como nações e tampouco como colônias:

⁵ Trata-se de uma entrevista com Mauricio Tenorio Trillo, concedida a Helena Bomeny e Lucia Lippi de Oliveira, publicada em 2009, na *Revista Estudos Históricos*.

[...] os organizadores da exposição de 1889 sugeriram aos países do sul e da América Central a vantagem de apresentar os produtos num mesmo pavilhão, como já haviam feito em 1878, no que se opôs a delegação Argentina, solicitando em troca um espaço de seis mil metros quadrados (BRAVO, 2000, p.179).

A proposta de o pavilhão argentino estar ausente no conjunto latino-americano não agradou aos organizadores da Exposição de Paris (1889). Segundo Bravo (2000), a Argentina, ao contrário do México e do Brasil, não apresentou qualquer elemento da cultura local: “Pelo contrário, desde as estátuas que adornam o edifício – todas obras de escultores franceses – até os alimentos e bebidas exibidos, o pavilhão argentino resulta desprovido de marcas nacionais que o identificassem com o país representado”.

Os argentinos não queriam estar na condição de pré-nação, de país exótico e, portanto, inferior:

[...] a vontade de diferenciar-se e distinguir-se dentro do conjunto de pavilhões expostos na exposição pode ser lida no seio de uma rivalidade na qual a unidade de mudança era a nação e não a região (como seria a América Latina) (BRAVO, 2000, p.177).

Compartilhando da afirmação desses autores de que tanto a Argentina quanto o Brasil desejavam, por meio de sua participação nesses eventos, afirmar sua nacionalidade, escolhendo o que e como se apresentar, é preciso ressaltar que a Argentina, ao evitar apresentar qualquer marca cultural autóctone – como às relacionadas aos indígenas, símbolos da barbárie –, tinha como intuito afirmar-se um país branco, rico, civilizado, para evidenciar sua diferença em relação aos países da América Latina. Com relação ao Brasil, os comissários que organizaram sua última participação como regime monárquico em uma Exposição (a de 1889, em Paris) – dentre eles Eduardo Prado e o Barão de Tefé – pretendiam destacar a diferença do Império das repúblicas latino-americanas – para eles, lugar da desordem e da barbárie.

As repúblicas latino-americanas e o Império do Brasil organizaram suas próprias Exposições – as quais precederam suas participações nas Universais – envolvendo instituições de diferentes contornos, como as associações industriais, comerciais e os museus, só para citar alguns. Além disso, nas últimas décadas do século XIX, havia um

intercâmbio efetivo entre as instituições de diferentes países da América Latina, e os museus tiveram um papel de destaque nessa troca em razão de seu vínculo com as universidades e por terem tido, em sua origem, a participação de sociedades científicas e culturais, como aconteceu no México e na Argentina (LOPES, 2000, p.228-229).

Lopes (2000) destaca ainda que, no Brasil, o Museu Nacional, ao organizar a Exposição de Indústria com o material proveniente da Comissão Científica de Exploração, trazido por Ferreira Lagos, seguiu o tipo de organização realizada pelos europeus. Segundo a autora, o sucesso da exposição foi importante para a realização da primeira Exposição Nacional, preparatória para a de Londres de 1862, quando o Império participou pela primeira vez oficialmente (LOPES, 1997, p.127). De acordo com Lopes (1997), é importante frisar, ainda, que, ao ampliar suas relações internacionais, “o museu também participou ativamente das exposições nacionais e universais, que se multiplicaram a partir de meados do século passado” (LOPES, 1997, p.126).

As Exposições entre memórias, relatórios e catálogos

É relevante dizer que, ao organizar Exposições provinciais, preparatórias e nacionais, o Império do Brasil não ficou de fora das Grandes Exposições no exterior, na segunda metade do século XIX. Ao contrário: esteve presente nas de Londres (1862), Paris (1867 e 1889), Viena (1873), Filadélfia (1876), Buenos Aires (1882) e São Petersburgo (1884). Sua presença em exposições anteriores se deu por meio de representantes – enviados especiais –, como no caso da Exposição Internacional inglesa de 1851 e da Universal de Paris, de 1855.⁶

A primeira Exposição nacional foi realizada em 1861, com o apoio do imperador Pedro II e no dia de seu aniversário, 2 de dezembro, na corte do Rio de Janeiro: dez anos após a primeira Exposição Universal em Londres e um ano antes da terceira Exposição Universal, também nesta última cidade. Nos catálogos e relatórios elaborados especialmente para esses eventos – ou sobre eles – nota-se uma preocupação com a escolha,

⁶ Consultar, nas referências bibliográficas, os trabalhos que trataram da temática das Exposições dos anos 1980 até o presente.

classificação e exposição dos produtos, como madeiras, máquinas utilizadas nas fazendas de café, quadros, louças, minerais e cocares de índios. Tudo era exposto sob o olhar de um imperador curioso e desejoso de apresentar um império preparado para entrar no *hall* das nações ditas “civilizadas” e que, segundo ele e seus seguidores, ao contrário das recém repúblicas latino-americanas, vivia na mais perfeita ordem.

No entanto, os cidadãos das províncias do Império Brasileiro viviam um momento caracterizado pela alternância de poder entre liberais e conservadores; pelo aumento das tensões na região da bacia do Prata; pelo desenvolvimento da cafeicultura que, ao mesmo tempo que trazia um novo equilíbrio, promovia o fortalecimento da escravidão; e pela confirmação da manutenção da grande propriedade e do monopólio num quadro de mudanças e de permanências.

Moreira de Azevedo (1887), ao escrever sobre as Exposições nacionais, afirmava o seguinte:

[...] attendendo à importância dessas festas industriaes, sua influencia sobre a moralidade do povo e sobre o ensino pratico de todas as classes sociais, colligimos algumas noticias das exposições celebradas no Rio de Janeiro [...] (AZEVEDO, 1887, p.261-271).

Localizada no edificio da Escola Central e situada no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, a Exposição Nacional foi inaugurada ao som da *Marcha da indústria*, composta por Carlos Gomes. No prólogo do documento oficial sobre a Exposição, afirmava-se:

A comissão julga-se dispensada de demonstrar a utilidade, se não a necessidade, das exposições e a sua influencia directa sobre o aperfeiçoamento de todos os ramos da actividade humana. Essa demonstração do domínio da consciência pública e na prática de todos os povos cultos.⁷

Ressaltando a importância de se firmarem os laços de fraternidade entre as províncias do Império e promover o melhoramento da agricultura e da indústria, esse evento seria, para os seus organizadores, o início oficial de uma história da participação do

⁷ Prólogo dos Documentos officiaes relativos à Exposição Nacional de 1861 (p.VII).

Império nas Grandes Exposições Universais. “Em 1862, em Londres, o império estava lá. O imperador ao final da Exposição Nacional já afirmava que a ideia civilizadora da Exposição Nacional começava a produzir seus benefícios” (idem, p.VIII).

Margarida se Souza Neves (2001), em texto sobre a Exposição Nacional de 1861 e a Exposição Universal de 1862, afirma que: “a participação brasileira nas Exposições Internacionais deixam perceber claros indícios de seu lugar periférico no concerto das nações e o peso da tradição excludente e hierarquizada própria da formação social brasileira” (NEVES, 2001, p.183).

Essa historiadora, ao apresentar elementos para se pensar as tensões existentes na organização das Exposições, ressalta que é possível verificar no catálogo da Exposição Nacional de 1861 e no relatório da exposição de 1862 três aspectos:

[...] as dificuldades que tal iniciativa encontrava na sociedade imperial, a importância e o significado desta primeira exposição e o papel fundamental desempenhado pelo estado – personificado no imperador – para a execução do projeto (NEVES, 2001, p.184).

Aberta todos os dias, das 10 às 15 horas, com ingressos especiais e gerais à venda, Neves (2001) descreve que se exigia de seus visitantes apenas um comportamento digno: de chapéu na cabeça, sim, mas sem bengala, guarda-chuva e cachimbos. Tocar nos objetos, nem pensar! Mas era possível ouvir as explicações de funcionários que trabalhavam para os expositores.

A primeira Exposição Nacional- festa industrial e artística- inaugurava a participação das províncias do Império sob a égide do progresso como ideal comum, a celebração da paz e a concórdia entre os povos.

Ao analisar a presença de engenheiros brasileiros na Exposição de Londres de 1862, Turazzi (1995) afirma que:

[...] o Brasil pretendia situar-se como a nação mais civilizada desta parte dos trópicos, um império que avançava seguramente em direção ao progresso alcançado pelas potências situadas ao norte, ao mesmo ritmo em que procurava distanciar-se de seus vizinhos latino-americanos. Neste sentido, o discurso oficial demarcava frequentemente os espaços e as diferenças do Império Brasileiro com relação a outros países do sul – americanos, principalmente depois da guerra com o Paraguai. Quando não havia indiferença ou franca hostilidade, havia em geral

disputa que, no recinto das exposições universais, traduzia-se, simbolicamente, pela constante preocupação de garantir um espaço maior para os expositores brasileiros diferenciado do espaço dos demais países sul-americanos, com os quais o império não se misturava (TURAZZI, 1995, p.73).

Ao contrário da Argentina, por paradoxal que possa parecer, o Império do Brasil não teve maiores problemas com a sua apresentação na Exposição de 1889, em Paris. Nessa festa da República, o Brasil se apresentou como uma monarquia apoiada discretamente pelo governo imperial, em meio a críticas da imprensa e de parlamentares. Um país saudado pelos membros da comissão franco-brasileira de organização, agora *regenerado*, dado que abolira a escravidão e escolhera como um dos representantes da face civilizada da nação a exposição de um instrumento científico astronômico construído no Brasil: o Alt-Azimut, projetado por Emmanuel Liais e construído pela Oficina de Óptica e de Instrumentos Científicos de José Hermida Passos, no Rio de Janeiro.

Distanciando-nos das análises que privilegiam a natureza exótica das apresentações do Império do Brasil nas grandes Exposições da segunda metade do século XIX, ao considerarmos os posicionamentos da apresentação dos objetos e as escolhas museográficas de alguns países sul-americanos nessas exposições, acreditamos que havia uma vontade, por parte desses países, de deixarem de se apresentar como exóticos e produtores de matéria-prima.

De fato, o Império do Brasil se apresentou na festa republicana francesa como desejavam seus organizadores. No entanto, da mesma forma hierarquizante e excludente, o Império do Brasil deixou de fora “o povo mais ou menos miúdo”⁸ e os recém libertos.

Nos relatórios da Exposição de Paris de 1878 – dedicada às artes, educação e ao fabrico da madeira, carvão e tecidos –, publicados em Washington (publicação oficial), é possível reconhecer algumas produções em destaque, como o material didático do Uruguai (livros, produção de alunos e outros materiais), e uma tabela sobre as escolas públicas e particulares em diferentes províncias argentinas, sublinhando a obrigatoriedade do ensino

⁸ Ilmar Rohloff de Mattos (1987) cita a definição de Francisco Ferreira de Resende, chamando a atenção para a combinação que esse autor faz das condições sociais e matrizes raciais que irão distinguir os diferentes grupos.

primário nesses locais. Esses relatórios destacam, na América do Sul, a Argentina, o Brasil e o Uruguai como exemplos de países que cuidam da educação de sua população.

No entanto, sabe-se da existência de dois tipos de documentos organizados para as exposições: os documentos (catálogos, relatórios, entre outros) produzidos pelos países latino-americanos e outros oficialmente produzidos pelos países que sediavam esses eventos e que se reconheciam “civilizados”.

Outro documento para o estudioso das Grandes Exposições da segunda metade do século XIX são as memórias. A República da Costa Rica produziu, oficialmente, uma memória de fomento apresentada num congresso em 1896, que cita o espaço dedicado pela comissão americana àquele país, seu catálogo de antiguidades, objetos indígenas e peças ornamentais de ouro e prata, demonstrando que a Costa Rica desejava expor objetos que interessassem à Arqueologia e à Etnografia.

Outras fontes de como os diferentes países desejavam ser vistos nesses grandes eventos são as instruções para a preparação do que ia ser exposto. No caso da Exposição de Chicago de 1893, é possível notar a preocupação dos comissários de Honduras:

Para principiar e ser bem entendido por todos que queiram mandar artigos para Chicago é necessário lembrar que a exposição de Honduras de nenhum modo será uma mera exposição de curiosidades, como muitas vezes se supõe por gente que não compreende os principais motivos de uma participação tal como será a de Chicago cujos fins são: promover empresas, comércio e educação (*Mining Journal* [Honduras Progress], 1893, p.5).

Com relação ao Brasil, Oliveira (2003), ao analisar o catálogo dos produtos do Ceará elencados para a mesma exposição, ressaltou a preocupação dos comissionários com o que essa província exporia no evento, evidenciando a composição das comissões organizadoras e, em última instância, como ela queria se fazer representar.

[...] em virtude de sua edição limitada o autor ressalta em seu texto que a escolha dos comissionários que organizariam a participação do Ceará na exposição de Chicago: um comerciante, um republicano histórico, um cientista empresário e um naturalista historiador, evidencia o apoio à participação de intelectuais locais na organização do evento e, consequentemente, na escolha do que apresentar do Ceará na exposição norte-americana. (OLIVEIRA, 2003, p.12)

Conclusão

As províncias tiveram papel atuante na organização da participação do Brasil nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX. Além disso, é preciso salientar que as exposições organizadas no Brasil, desde a primeira, no Museu Nacional, com o material proveniente da já mencionada Comissão do Ceará, estavam orientadas por um discurso marcadamente romântico.

Assim, para compreendermos melhor os projetos das exposições, auxiliar-nos-ia a reflexão realizada por Mattos (2004) sobre *As lições*, de Joaquim Manoel de Macedo, relator de documentos relevantes apresentados em Exposições:

[...] os historiadores de hoje procuram falar da vida dos homens em sociedade; os historiadores românticos falavam dos povos e das nações que constituíam. Os historiadores atuais quase sempre servem-se da História para compreender as diferentes sociedades e culturas que compõem a humanidade, os historiadores românticos procuravam explicar a formação de um povo e a origem de uma nação traçando uma espécie de biografia de um e de outro, de maneira a poder encontrar o lugar de cada estado nacional na História da humanidade (MATTOS, 2000, p. 114).

A análise desses documentos comprova que, ao se apresentar nos eventos, o Império do Brasil pretendia se afirmar como uma nação nos trópicos, porém, ao contrário das repúblicas latino-americanas – no discurso de seus organizadores – conjugando ordem, progresso científico e técnico e civilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. de. Congressos e exposições científicas. Tema e fontes para a História. In: *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2010. p. 197-208.
- AZEVEDO, M. de. *O Rio de Janeiro*. Sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. v.2. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1877.
- BARBUY, H. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do*

- Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo: Museu Paulista/USP, v.4, 1996.
- _____. *A Exposição Internacional de 1889 em Paris*. Visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Loyola/Edusp, 1999.
- BEGUET, B. Les Expositions Universelles. *La science pour tous* (1850-1914), Paris: CNAM, 1990.
- BERGER, M. L'Exposition Universelle de 1889. *Revue Scientifique (revue rose)*, Paris n. 10, p. 290, 1888.
- BEZERRA, A. *O Ceará e os cearenses*. Fortaleza: Biblioteca Básica Cearense/Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- BRAVO, Á. F. Latinoamericanismo y representación: iconografías de la nacionalidad en las exposiciones universales (Paris 1889 y 1900). In: MOSERRAT, M. (org.). *La Ciencia en la Argentina entre siglos. Textos, contextos e instituciones*, Buenos Aires: Cuadernos Argentinos/Manantial, 2000, p.171-185.
- CHAUNU, P. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- LÓPEZ-OCÓN CABRERA, L. La exhibición del poder de la ciencia. La América Latina en el escenario de las Exposiciones Universales del siglo XIX. In: MOURÃO, J. et al. (orgs.). *O mundo ibero-americano nas Grandes Exposições*. Évora: Vega, 1998.
- DANTES, M. A. (org.) *Espaços da Ciência no Brasil. 1800-1930*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- Documentos oficiais relativos à Exposição Nacional de 1861 (prólogo, p.VII).
- DOMINGUES, H. M. B. As demandas científicas e a participação do Brasil nas Exposições do século XIX. *Revista Latino-Americana de Las Ciencias y La Tecnologia. Quipu*, v. 12, n.12, maio de 1999, p.203-215.
- FREITAS FILHO, A. P. As “Officinas e Armazém D’Óptica e Instrumentos Científicos” de José Maria dos Reis e de José Hermida Pazos (Negociantes, Ilustrados e Utilitários em prol do desenvolvimento da ciência no Brasil). Rio de Janeiro: MAST/CNPq/MCT, 1986 (Relatório final de pesquisa).
- FREITES, Y. La ciencia en la segunda modernización del siglo XIX (1870-1910), In: ROCHE, M. (org.) *Perfil de la ciencia en Venezuela*. Caracas: Fundación Polar, 1996.

GUIMARÃES, L. M. P. *Debaixo da imediata proteção de sua Majestade Imperial. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1828-1889)*. São Paulo, FFLCH/USP, Departamento de História, Tese de Doutorado, 1994.

HARDMANN, F. F. *O trem fantasma. A modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HEIZER, A. *Observar o Céu e medir a Terra. Instrumentos científicos e a Exposição de Paris de 1889*. 2005.204 fl. Dissertação (Doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra) Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2005.

_____. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, 2008, v. 1, n. 2, p. 167-177.

KUHLMANN JÚNIOR, M. *As grandes festas didáticas. A educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica. Os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Cooperação científica na América Latina no final do século XIX: os intercâmbios dos Museus de Ciências Naturais. Interciência*. v.25. n.5, 2000, p.228-233.

MATTOS, I. R. de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 1987.

MATTOS, S. R. de. *O Brasil em lições. A história como disciplina escolar em Joaquim Manoel de Macedo*. Rio de Janeiro: Access, 2000.

MENESES, U. B. de. Prefácio. In: BARBUY, H. *A Exposição Universal de 1889 em Paris*. São Paulo: Loyola. Série Teses, 1999.

MINING JOURNAL. *Progress*. n.1;4;16;18. Tegucigalpa (Honduras), 1891-1892.

NEVES, M. S. de. *As vitrines do progresso. O Brasil nas exposições internacionais*. Rio de Janeiro: Puc-Rio/CNPq/Finep, 1986.

_____. A “machina” e o indígena: o Império do Brasil e a Exposição Internacional de 1862. In: HEIZER, A. e VIDEIRA, A. A. P. (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001, p. 173-207.

OLENDER, M. *No livro do futuro*. 1992. 486 fl. Dissertação (Mestrado em História –

Universidade Federal do Rio de Janeiro/Departamento de História, Rio de Janeiro, UFRJ, 1992 (2 v.).

OLIVEIRA, A. L. de. O Ceará na Exposição de Chicago (1893): ciência e técnica. *Caderno de resumos do II Congresso Luso-brasileiro de História da Ciência*, 2003.

PESAVENTO, S. J. *As exposições universais*. Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

RASSE, P. *Les Musées à la Lumière de l'espace public*. Histoire, Évolution, Enjeux. Paris: L'Harmattan/Logiques Sociales, 1999.

SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REVUE SCIENTIFIQUE (revue rose). Paris: 1888-1890.

SANTOS, P. C. M. O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineral, negócios e publicações. 2009. 295 fl. Dissertação (Mestrado em Ensino e História das Ciências da Terra) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2009.

SILVA, J. L. W. da. As arenas pacíficas do progresso. 1992. vols. 1 e 2. 450 fls. Dissertação (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense/Departamento de História, UFF, Niterói, 1992. (2v)

TENORIO TRILLO, M. Entrevista com Mauricio Tenório Trillo. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro v.22, n.44, 2009, p. 539-554. (Entrevista concedida a Helena Bomeny e Lucia Lippi de Oliveira).

TURAZZI, M. I. *Poses e trejeitos*. A fotografia na era dos espetáculos. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco/UFRJ/MINC, 1995.

_____. A Exposição de Obras Públicas de 1875 e os “produtos da ciência do engenheiro, do geólogo e do naturalista”. In: HEIZER, A. e VIDEIRA, A. A. P. (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001, p.145-163.

WEINBERG, G. La Ciencia y la idea de progreso en La América Latina (1860-1930). In: SALDAÑA, J.J. (coord.) *Historia social de las ciencias en América Latina*. México: UNAM, 1996, p. 346-436.

RELATORIO GERAL

DA

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861

E

RELATORIOS DOS JURYS ESPECIAES,

COLLIGIDOS E PUBLICADOS POR DELIBERAÇÃO

DA

COMISSÃO DIRECTORA

PELO SECRETARIO

Antonio Luiz Fernandes da Cunha



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario n. 84.

1862.

International Exhibition. 1862.

M E D A L S

AND



HONOURABLE MENTIONS

AWARDED BY THE

INTERNATIONAL JURIES;

WITH

A LIST OF JURORS, AND THE REPORT OF THE
COUNCIL OF CHAIRMEN.



Published by Authority.

LONDON:
PRINTED FOR HER MAJESTY'S COMMISSIONERS
BY GEORGE EDWARD EYRE AND WILLIAM SPOTTISWOODE,
PRINTERS TO THE QUEEN'S MOST EXCELLENT MAJESTY.

MDCCCLXII.

Publicação da premiação dos participantes da Exposição de 1862, em Londres. Biblioteca Nacional.